



A formação de intelectuais populares na Maré: a experiência da Escola Popular de Comunicação Crítica¹

Crislan Fernandes Veiga²
Marianna de Araújo e Silva³
Maurício Pinto da Costa⁴
Eduardo Granja Coutinho⁵

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Escola Popular de Comunicação Crítica – Observatório de Favelas

Resumo

O presente trabalho apresenta o projeto de extensão “Escola Popular de Comunicação Crítica” da Escola de Comunicação da UFRJ, junto à Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC) do Observatório de Favelas, e analisa o processo de formação de comunicadores populares na ESPOCC, a partir da concepção de “intelectual orgânico” do pensador Antonio Gramsci, partindo da hipótese que a ESPOCC constitui uma iniciativa contra-hegemônica, frente ao que é apresentado pela grande mídia.

Palavras-chave

Comunicação comunitária; intelectual; comunidades populares

Existem no Rio de Janeiro 513 favelas e, nelas, mais de um milhão de moradores que representam 18,8% da população da cidade (IBGE, censo 2000). Para estas comunidades, os meios de comunicação da grande mídia reservam um único espaço em suas páginas e blocos: a seção policial. São comuns manchetes como: “Criança morre em guerra do tráfico em Bangu” (O Globo, 20/03/06, pág. 15); “Tiroteio em favela mata 7 em Caxias” (O Globo, 21/03/06, pág. 18); “Tráfico festeja no Morro da Providência” (O Globo, 27/03/06, pág 12); “Polícia mata 3 ao invadir depósito de armamentos em Irajá” (O Globo, 28/03/06, pág 20). Estas notícias estavam inseridas na editoria “Rio” do jornal citado, a qual reserva um espaço ínfimo para matérias que retratem outros aspectos das comunidades populares. Matérias estas que não se baseiam na perspectiva daqueles que vivem nestes locais.

¹ Trabalho apresentado ao GT da Iniciação Científica de Práticas Sociais de Comunicação, do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste

² Aluna da graduação em Comunicação (ECO/UFRJ), crislanveiga@yahoo.com.br

³ Aluna da graduação em Comunicação (ECO/UFRJ), mariannaraújo@gmail.com

⁴ Aluna da graduação em Comunicação (ECO/UFRJ), maupc@hotmail.com

⁵ Doutor, professor adjunto da Escola de Comunicação da UFRJ, edu-graco@terra.com.br



Este discurso que tem lugar na mídia e ajuda a legitimar a visão de uma minoria dominante, faz parte de um conjunto de fatores que acaba por naturalizar estereótipos e favorecer a manutenção da estrutura social de classes em que vivemos. A representação das favelas como locais violentos e redutos de criminosos cria uma visão mitificada destes espaços e acaba por impor a seus moradores a lógica da negação. Os moradores de comunidade assimilam alguns destes valores e negam sua origem, já que não querem se identificar com a imagem de “favelados” que é disseminada.

Em contraposição à ideologia conservadora difundida na mídia surgiu um projeto pioneiro no Brasil: a Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC). A Escola é um dos projetos do Observatório de Favelas, organização civil sem fins lucrativos que trabalha em prol de políticas para a periferia na cidade do Rio de Janeiro. A ESPOCC foi fundada em setembro de 2005 e localiza-se na comunidade de Nova Holanda, no complexo da Maré. Ela tem como principal objetivo a formação de comunicadores populares (repórteres, fotógrafos e produtores de vídeo), capazes de refletir sobre contexto no qual estão inseridos a partir de uma perspectiva diferente da que é proposta pelos meios de comunicação de massa. A Escola oferece cursos na área de Comunicação (mídia impressa, audiovisual e fotografia) e pretende, juntamente com os alunos, moradores de comunidades e subúrbios do Rio de Janeiro, a criação de meios de comunicação alternativos para veicular um discurso contra-hegemônico, elaborando assim, novas formas de representação da favela.

No intuito de colaborar com o suporte teórico, importante em toda escola de comunicação, e de promover a integração da universidade com uma esfera da sociedade ligada à comunicação comunitária, a Universidade Federal do Rio de Janeiro mantém um projeto de extensão junto à ESPOCC. Os bolsistas que trabalham no projeto colaboram com a coordenação pedagógica na elaboração das aulas e atuam como monitores da Escola.

O projeto visa desenvolver uma perspectiva teórica para pensar a comunicação comunitária a partir dos conceitos do italiano Antonio Gramsci e também, auxiliar na formação de profissionais de comunicação que se aproximem do conceito gramsciano de “intelectual orgânico”, ou seja, intelectuais que “têm uma maior consciência do vínculo indissolúvel entre suas funções e as contradições concretas da sociedade”.⁶

⁶ Coutinho, 1990, p. 17



A integração entre os alunos da Maré e estudantes universitários promove a troca de experiências e visões de mundo e auxilia na difusão do pensamento contra-hegemônico, uma das funções essenciais do intelectual orgânico das camadas populares.

Para entendermos a concepção de intelectual orgânico de Antonio Gramsci, é necessário esclarecer seu conceito de sociedade civil. Esta, segundo o pensador italiano, é a esfera “formada precisamente pelo conjunto das organizações responsáveis pela elaboração e/ou difusão das ideologias”.⁷ A sociedade civil engloba tudo aquilo que Gramsci chama de aparelhos privados de hegemonia. Estes aparelhos são as organizações às quais nos integramos “voluntariamente” (por isso privados) e por meio das quais temos acesso à ideologia daqueles que o controlam (ideologia entendida enquanto visão de mundo e não como falsa consciência da realidade como na acepção marxiana). Seriam assim aparelhos privados de hegemonia as escolas, igrejas, partidos políticos, meios de comunicação, sindicatos, organizações profissionais, ONGs, etc.

Portanto, é na esfera da sociedade civil que se dá a luta pela cultura – uma das instâncias da luta de classes – e por ela, a conquista da hegemonia. Hegemonia entendida aqui como liderança intelectual e moral de uma classe ou fração de classe, sob o conjunto da sociedade, e que é conquistada por meio da difusão de ideologias. Os aparelhos de hegemonia, assim, mais do que elaborar e difundir, legitimam uma visão de mundo, função essencial na manutenção do poder. Esta concepção parte do reconhecimento que a dominação política não se dá apenas pela coerção (aparelhos burocráticos, militares, policiais e jurídicos), mas também pela busca do consenso entre os dominados, sendo este o papel fundamental dos aparelhos de hegemonia.

É precisamente esta a função dos intelectuais orgânicos no âmbito destes aparelhos, uma vez que, para Gramsci, os intelectuais criam e exprimem a visão de mundo da classe com que se identificam. Diferentemente dos intelectuais tradicionais, o intelectual orgânico está efetivamente ligado a uma determinada classe, organizando a cultura. O intelectual das camadas subalternas, por sua vez, liga-se organicamente a estas classes, trabalhando pela construção de uma visão de mundo contra-hegemônica. Esta ligação orgânica acontece à medida que o intelectual reconhece a necessidade de transformar uma realidade historicamente constituída, reinterpretando o passado nacional a partir de uma noção popular. Organizar a cultura significa tornar orgânica a visão de mundo (os valores, as idéias e as significações) de um determinado grupo social, formando uma

⁷ Coutinho, 1992, p. 76



consciência e uma ideologia que permita a este grupo contar sua história a partir de uma perspectiva própria. Para Carlos Nelson Coutinho: “a ‘organização da cultura’ é o sistema das instituições da sociedade civil, cuja função dominante é a de concretizar o papel da cultura na reprodução ou na transformação da sociedade como um todo”⁸.

Assim, concluímos que o papel do intelectual orgânico é atuar no âmbito da cultura de forma a deixar claras as contradições sociais existentes. Além disso, o que Gramsci propõe é uma aproximação dos intelectuais em relação às camadas populares. Diferentemente, por exemplo, de uma certa concepção populista e nacionalista de esquerda que vigorou no Brasil nos anos 60, por meio dos Centros Populares de Cultura (CPC) que estabeleciam uma relação paternalista com as comunidades populares.

Tanto para o CPC quanto para Gramsci, o objetivo principal é politizar as massas. No entanto, a estratégia dos cepecistas era de levar uma consciência pronta, autêntica e não alienada, a ser implementada junto às camadas subalternas. Na concepção gramsciana, o intelectual deve estabelecer uma troca com os grupos sociais, firmando uma relação, como já dito, orgânica. Sobre esta diferenciação, Eduardo Granja Coutinho afirma:

Diferente de Gramsci, o CPC não compreende a cultura popular como concepção de mundo das classes subalternas, mas como ação política por meio da qual se busca levar às classes populares “atrasadas” uma consciência crítica dos problemas sociais. Nesse sentido, a cultura popular não é a cultura do povo, mas aquela elaborada pelos centros de cultura. (...) não se trata de uma simples negação ou eliminação do folclore enquanto forma de conhecimento, mas de uma superação dialética (aufhebung) que elimina, conserva e eleva a nível superior a consciência ético-política das classes subalternas⁹

Portanto, a tarefa dos intelectuais em sua luta pela construção de uma visão de mundo contra-hegemônica é, fundamentalmente, combater as ideologias conservadoras presentes no senso comum e definir uma consciência crítica que exprima os anseios das massas.

A partir destas noções gramscianas, podemos identificar a Escola Popular de Comunicação Crítica como um instrumento de hegemonia. O projeto de extensão, juntamente com os alunos e professores da ESPOCC, pretende, orientado por uma práxis transformadora, difundir uma ideologia de caráter contra-hegemônico e contribuir para a criação de novas formas de representação da favela a partir da própria favela. Esta visão de mundo, baseada no popular, é fundamental para desconstrução dos

⁸ Coutinho, 1990, p. 17

⁹ Coutinho, 2002, p. 58



mitos historicamente constituídos e para a reelaboração crítica do nosso patrimônio cultural. Segundo Gramsci:

(...) entre a cultura popular e a dominante há uma diferença fundamental no que diz respeito à elaboração e à sistematização do conhecimento. Esta tende à unidade e à organicidade, enquanto aquela (atravessada por superstições, credices, idéias e valores dominantes) é desagregada, contraditória e ideologicamente servil, ainda que possua um “núcleo sadio” (o bom senso, a sabedoria popular) que fornece à ação uma direção consciente¹⁰.

Neste sentido, pode-se afirmar que cabe aos comunicadores formados na ESPOCC sistematizar a cultura dos locais onde vivem, criando uma consciência não fragmentada. A partir desta perspectiva, os alunos da Escola constituem intelectuais orgânicos em suas comunidades. Partindo de uma noção não paternalista, a escola se encarrega de juntamente com os estudantes, elaborar novos discursos sobre a favela, tendo por base as contradições sociais existentes no mundo. Os alunos, professores e gestores da Escola Popular de Comunicação, portanto, estão envolvidos organicamente com a elaboração e difusão de uma cultura popular de caráter contra-hegemônico. Mais do que isso, os estudantes da ESPOCC podem ser considerados intelectuais populares, não só por sua origem, mas por estarem empenhados na formação de uma consciência identificada com as camadas populares. Em consequência disso, o material (vídeos, jornais e fotografias) produzido por eles exprime os sentimentos desse grupo. Sobre a noção de popular, Marilena Chauí afirma:

Na perspectiva gramsciana o popular na cultura significa, portanto, a transfiguração expressiva de realidades vividas, conhecidas, reconhecíveis e identificáveis, cuja interpretação, pelo artista e pelo povo, coincidem. Essa transfiguração pode ser realizada tanto pelos intelectuais ‘que se identificam com o povo’ quanto por aqueles que saem do próprio povo na qualidade de seus intelectuais orgânicos¹¹.

A inovação da ESPOCC consiste no fato de que seus idealizadores foram capazes de perceber que os meios de comunicação constituem, hoje, uma arma poderosa no contexto da luta de classes, uma vez que são os principais difusores de ideologia.

Para o sociólogo Octavio Ianni, os meios de comunicação são o principal intelectual orgânico de nossa sociedade. Para definir este novo intelectual, ele usa o termo “príncipe eletrônico” por conta da “crescente importância das tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas, no mundo da mídia”.

¹⁰ Coutinho, 2002, p.22

¹¹ Chauí, 1997, p. 88



Já não se trata mais apenas de ‘quarto poder’, do qual se começou a falar no século dezenove. Trata-se de um desenvolvimento novo, intenso e generalizado, abrangente e predominante, da mídia no âmbito de tudo o que se refere à Política.¹²

Ianni destaca que entender a constante evolução tecnológica é fundamental para compreender a importância que a mídia assume em todas as esferas sociais, constituindo-se como o principal responsável pela formação de valores e criação de consciência nas pessoas.

É [o Príncipe Eletrônico] o intelectual coletivo e orgânico das estruturas e blocos de poder presentes, predominantes e atuantes em escala nacional, regional e mundial, sempre em conformidade com os diferentes contextos sócio-culturais e político-econômicos desenhados no novo mapa do mundo¹³.

O autor ressalta, também, a maneira como a televisão se destaca em relação aos demais veículos de comunicação, como o mais eficiente instrumento de elaboração e difusão de ideologia.

No âmbito da mídia em geral, enquanto uma poderosa técnica social, sobressai a televisão. Trata-se de um meio de comunicação, informação e propaganda presente e ativo no cotidiano de uns e outros, indivíduos e coletividades, em todo o mundo. Registra e interpreta, seleciona e enfatiza, esquece e sataniza o que poderia ser a realidade e o imaginário¹⁴.

No entanto, para romper com o paradigma divulgado pelos veículos de comunicação e que é assimilado pelos próprios moradores das comunidades, também é necessário conseguir espaço na grande mídia. Para Jaílson de Souza, coordenador do Observatório de Favelas:

Não se constrói um discurso contra-hegemônico apenas com o público marginalizado. Queremos falar para a periferia e para a cidade, por isso precisamos da grande mídia. É impossível mudar a favela sem mudar a cidade (em entrevista aos autores, junho de 2006).

É fundamental entender que a ESPOCC, mais do que difundir uma outra visão da favela, pretende, através de novas representações, integrar as comunidades populares e marginais ao restante da sociedade. Esta nova forma de discurso almeja a conquista de um espaço que, hoje, é praticamente inexistente. Pois, se por um lado os moradores das comunidades são vítimas dos estereótipos disseminados através do discurso hegemônico, por outro lado surge o desafio de criar um espaço que não seja sectário e não construa uma visão preconceituosa da cidade.

¹² Ianni, 2000, p. 4

¹³ Ianni, 2000, p. 9

¹⁴ Ianni, 2000, p. 11



Assumindo este posicionamento e apostando no processo dialético de construção de uma visão de mundo contra-hegemônica, a ESPOCC questiona a grande mídia como a expressão do real, reconhecendo-a como detentora de um discurso permeado de valores e interesses dominantes. A Escola nega, assim, uma posição passiva e busca uma leitura crítica da realidade histórica e socialmente construída.

O diálogo da Universidade com os espaços populares mostra-se fundamentado, à medida que se estabelece uma relação de troca de conhecimento e experiências. Este processo é importante, por dois fatores. Primeiro, porque aproxima o morador de comunidade popular do universo acadêmico - no caso de favelas e periferias fluminenses, por exemplo, apenas 1% dos moradores conseguem atingir o ensino superior (fonte: site do projeto Conexões de Saberes). Em segundo, porque permite que docentes e discentes transponham o ambiente universitário e lidem com a realidade das comunidades, que só conhecem na teoria.

A busca da integração com a Academia alude à afirmação de que a ESPOCC não pretende apenas propagar uma visão oposta a dos veículos que se encaixam na acepção do “príncipe eletrônico” de Ianni. Mas, que há uma preocupação com a formação de uma consciência crítica e não fragmentada da realidade, a ser expressa no conteúdo do que é produzido pelos estudantes.

Para aqueles que questionam a forma como os meios de comunicação legitimam e favorecem a estrutura social estabelecida, a Escola Popular de Comunicação Crítica surge como uma alternativa concreta ao monopólio da mídia. Os intelectuais populares da Maré e as novas formas de representação criadas por eles adquirem uma importância que ultrapassa os limites das favelas fluminenses. Pois, o trabalho desenvolvido na ESPOCC está ligado a uma reinterpretação do patrimônio nacional, a partir do ponto de vista popular e à criação de uma concepção de mundo contra-hegemônica capaz de exprimir os anseios daqueles que não têm direito ao discurso.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: O discurso competente e outras falas.** São Paulo: Cortez, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político.** Rio de Janeiro: Campus, 1992.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil: um ensaio sobre idéias e formas.** Belo Horizonte: Oficina de livros, 1990.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Velhas histórias, memórias futuras.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

Projeto Conexões de Saberes. Disponível em: <http://www.uff.br/proex/conexoesdesaberes.htm>. Acesso em 12/ago/2006.

Observatório de Favelas. *Escola Popular de Comunicação Crítica.* Disponível em: <http://www.observatoriodefavelas.org.br>. Acesso em 12/ago/2006